CAROLINA MUNHÓZ

POR UM TOQUE DE OURO

Trindade Leprechaun

Fantástica ROCCO

CAROLINA MUNHÓZ

POR UM TOQUE DE OURO

Trindade Leprechaun

Fantástica
ROCCO

Copyright © 2015 *by* Carolina Munhóz

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
fantastica@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Esta é uma obra de ficção. Personagens, incidentes e diálogos
foram criados pela imaginação da autora e sem a intenção de aludi-los como reais.
Qualquer semelhança com acontecimentos reais ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

GERENTE EDITORIAL
Ana Martins Bergin

EDITORA EXECUTIVA
Larissa Helena

EDITORA RESPONSÁVEL
Milena Vargas

EQUIPE EDITORIAL
Elisa Menezes
Manon Bourgeade (arte)
Viviane Maurey

ASSISTENTES
Gilvan Brito
Silvânia Rangel (produção gráfica)

REVISÃO
Joana De Conti
Sophia Lang
Wendell Setubal

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Rafael Nobre | Babilonia Cultura Editorial

LETTERING
Rafael Nobre e Igor Arume | Babilonia Cultura Editorial

Cip-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Munhóz, Carolina, 1988-
M932p Por um toque de ouro / Carolina Munhóz. Primeira edição.
– Rio de Janeiro: Fantástica Rocco, 2015.
(Trindade Leprechaun ; 1)

ISBN 978-85-68263-08-2

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Fantasia I. Título.
II. Série.

15-20531 CDD: 028.5 CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

I

Todos a olhavam assustados.

Apesar do som alto das flautas irlandesas remixadas tocando no evento de St. Patrick's Day, as pessoas no salão só prestavam atenção nas respirações tensas e pausadas e nos pequenos gestos capazes de revelar um blefe. Claro que o decote da jovem ruiva chegando até quase o umbigo distraía todos, mas a quantidade de dinheiro naquela banca de pôquer era tamanha que os rapazes de Rolex e Armani desviavam o olhar a fim de se concentrar. Tinham consciência de que era mais difícil vencer aquela garota no jogo do que levá-la para a cama.

Não era comum o salão ser frequentado por mulheres. Em cassinos, normalmente várias delas tentavam a sorte entre os coroas endinheirados, enfiadas em seus vestidos justos. Contudo, aquele era um evento diferente, em uma propriedade particular. A primeira edição de uma festa exclusiva da nova geração da alta sociedade irlandesa para comemorar o feriado mais famoso do país. Naquele dia de março, as pessoas mais importantes da ilha estavam em um casarão na região

de Dublin 4, iluminado por canhões de luz. Os mais ambiciosos se encontravam naquela sala de jogos, e apenas uma mulher preferiu arriscar uma grande quantia de dinheiro em vez de se jogar na pista de dança regada a champanhe verde.

Isso ela pretendia fazer depois.

De preferência, comemorando os milhões que ganharia na mesa de pôquer.

Descendente de uma das famílias mais tradicionais de Dublin, Emily O'Connell era a futura herdeira de uma das marcas mais luxuosas de sapatos e bolsas *haute couture*. O brasão dourado com a famosa inscrição O'C podia ser encontrado nas principais capitais fashion do mundo. Entretanto, Emily não era conhecida apenas pela fortuna da família. Como sorte e glamour praticamente corriam no sangue dos O'Connell, ela havia se tornado um ícone da cultura pop irlandesa. Venerada por milhões de garotas e cortejada pelos rapazes mais bem-sucedidos e famosos da Europa, sua popularidade já chegara a Hollywood. Em um país como a Irlanda, ser conhecida por milhões de pessoas significava *muita* coisa – afinal, a população era de apenas aproximadamente sete milhões de habitantes. Por isso, Emily estava sempre nas capas de jornais sensacionalistas e revistas de fofocas badaladas. Por onde quer que ela fosse, ninguém deixava de notar os longos e lisos cabelos ruivos acobreados que terminavam rente à sua cintura fina.

Naquela noite, o olhar felino esverdeado era realçado por um adereço de cabelo confeccionado por Philip Treacy, um dos mais famosos estilistas irlandeses. Como se a personalidade, a fama, a beleza e a riqueza não fossem suficientes, ela ainda tinha um corpo esbelto como o de supermodelos, sempre exibido nas fotos de redes sociais tiradas em lugares como o Yacht Club.

Todas as mulheres queriam ser Emily.

Mas nenhuma teria coragem de apostar *tão* alto naquela mesa.

– Acho que papai não ficará muito feliz com sua princesinha hoje, pequena – comentou Owen O'Connor, um antigo conhecido da Trinity College, onde a garota estudava.

As respirações pesadas reforçavam a tensão. Havia quatro pessoas sentadas à mesa, uma conduzindo o jogo e mais sete rapazes assistindo de pé à partida. Isso incluía Darren, o melhor amigo de Emily, que bufava, impaciente pela demora, enquanto cobiçava através da parede de vidro um loiro tão musculoso que quase não cabia em sua camisa social Burberry.

Um sorriso malicioso se formou lentamente nos lábios de Emily. Ela olhou de canto de olho para cada participante.

Um sinal de perigo para seus oponentes.

– A princesinha aqui vai comprar um castelo novo esta noite, baby – provocou Emily.

Owen soltou uma risada sarcástica.

– Isso é o que nós veremos. *All in!*

– Um milhão do sr. O'Connor. – O rapaz que comandava a mesa assentiu, aprovando a jogada.

Ao lado de Owen encontrava-se Jamie, herdeiro de dois haras irlandeses. Emily percebeu a indecisão em seu olhar segundos antes de ele definir a própria jogada.

– *All in!* – declarou Jamie ao arrastar todas as suas fichas redondas, que contabilizavam meio milhão, para o centro da mesa verde, revelando um anel de ferradura que nunca saía de seu dedo.

Faltava apenas a jogada de mais dois participantes: Emily e Sean, dono de uma rede de pubs sofisticados.

– Fazer o quê? O mesmo que Jamie: *All in* – disse Sean.

Todos se concentraram em Emily. Novamente.

Será que ela conseguiria aumentar ainda mais suas apostas? Sua sorte duraria *para sempre*? Muitas perguntas surgiam na mente dos

jogadores e espectadores. Longos segundos se passaram enquanto Emily se concentrava apenas no amontoado de fichas ao centro, que parecia um bolo colorido feito por uma criança.

O carteador já havia distribuído as cartas fixas sobre a mesa: um ás de copas e um ás, um 4, um 6 e um 8 de espadas.

– Ok... – A ruiva suspirou vagamente. – Acho que St. Patrick vai me abençoar esta noite, rapazes. *All in*! Um milhão.

Todos os presentes soltaram interjeições e palavrões. Aquele jogo nascera do acaso. Os amigos, herdeiros de famílias ricas, circulavam pela festa quando entraram na sala de jogos, encontraram uma mesa disponível e resolveram se arriscar. Chegar a um valor como aquele, porém, era brincar alto demais. Eram todos milionários, alguns, como Emily, bilionários, mas mexer com fogo às vezes resultava em queimaduras. E o mais assustador era que ela continuava sorrindo despreocupadamente, sem aparentar medo. Coitados! Sentia-se *com sorte*. Sentia-se no topo do mundo.

Sentia-se *abençoada*.

– Senhores e senhorita, por favor, apresentem o jogo – ordenou o carteador.

Owen pediu a Jamie que mostrasse as cartas primeiro em nome da amizade dos dois. O jogo era seu, mas ele queria ver a surpresa de Emily ao ver suas cartas no final. Talvez sua jogada de mestre garantisse um beijo diante dos fotógrafos. Conheciam-se havia anos e, em todo aquele tempo, ela tinha sido famosa por ser "muito liberal". Mas, apesar de suas diversas investidas, a garota sempre o rejeitava. A única que o rejeitava.

Após ser pressionado, Jamie mostrou as cartas.

– *Flush*. Ás, rei, dama – pronunciou o carteador.

Sean sorriu e revelou as suas.

– *Full house*, com trinca de oito e par de ases – declarou o carteador para os jogadores.

Ao ver as cartas de Sean, Owen não conseguiu esconder a expressão vitoriosa.

– Um *full house* mais alto – disse o carteador, após Owen abaixar as cartas. – Trinca de ases com par de seis.

O jogo só podia estar ganho. Jogadas como aquela eram únicas. Owen sentia nos dedos trêmulos uma ansiedade perturbadora pelas fichas daquela quantia. Aquelas fichas de cores vibrantes eram um vício para ele.

– Srta. O'Connell?

A tensão voltou quando todos perceberam que Emily não ria como os rapazes. Não trazia um semblante sério nem triste. Aos poucos, voltava a exibir seu sorriso malicioso, estreitando os olhos e jogando os lábios apenas para um lado. Seria indício de vitória? Um sinal da bênção do padroeiro de todos?

Delicadamente ela virou as cartas uma a uma, encarando Owen. Tinha dó dos outros meninos mimados, mas não dele. Não de um presunçoso como ele.

Afinal... quem mandava naquela mesa era ela.

– Cinco e sete de espadas. Um *straight flush*! De quatro a oito. A mão mais alta – definiu o carteador. – Parabéns, srta. O'Connell!

Os espectadores começaram a se dispersar, e Darren soltou um palavrão alto. Ela havia ganhado muito dinheiro. Outra vez. Emily pediu um coquetel para comemorar a vitória. Ela só queria beber um pouco além da conta e dançar até morrer de dor nos pés.

A vida era boa.

Para ela, melhor a cada segundo.

– Tenho que admitir que você não para de me surpreender, Emily O'Connell – comentou Owen, ainda com cara de poucos amigos.

– São muitos anos de convivência, O'Connor. Já deveria ter notado que eu *sempre* surpreendo.

Ele soltou uma risada seca.

– O que você tem de sorte tem de ego... – debochou Owen. Ela percebeu o olhar dele primeiro no brasão da família O'Connell em seus sapatos, depois em seu decote.

Emily ergueu o queixo de Owen, e o foco dele voltou aos olhos reluzentes dela.

– É *o preço*, querido – dizendo isso, apanhou uma taça de champanhe e a estendeu para o rapaz. – Um brinde a esta noite – sugeriu em tom mais conciliador. – E relaxe, ok? Deve haver várias alpinistas sociais loucas para consolar você nesta festa. Não que alguma delas valha um milhão, claro, mas você certamente vai se divertir...

Owen brindou com ela, sem dizer nada. Depois, deu um meio sorriso e foi embora.

Tudo o que restava a Emily era se afastar o mais rápido possível de qualquer um dos jogadores daquela noite. Não queria atrair energia negativa depois de faturar uma soma que resultaria em diversos vestidos de coleções exclusivas e pelo menos um anel digno de tapete vermelho.

– Rainha da sorte, achei que tivesse parado definitivamente de passar a noite em salas que fedem a suor de homens apavorados – disse Darren.

– Endoidou, *amore*? Não viu o que eu fiz ainda há pouco? Por que perderia a chance de assistir a um bando de homens morrendo de medo de mim?

– Você é cruel, sabia? – respondeu o jovem, levando-a para o salão. – E é por isso que eu te amo, *bicha* má!

A dupla não teve dificuldade para abrir espaço na pista. O burburinho de que Emily havia ganhado mais uma vez no "pôquer dos *posh*", isto é, dos ricaços, já se espalhara como chamas de um incêndio. Sua

vitória, seu adereço extravagante e sua persona a representavam bem. A música ecoava, alta, e os rapazes começaram a rodeá-la. Logo seria a hora de trocar de jogo.

– Às vezes me pergunto como seria sua vida se não tivesse sorte... – comentou Darren, requebrando até o chão com Emily.

Ao subir do movimento, ela já encarava a próxima vítima, um rapaz magro com cabelo revolto e barba por fazer. O típico look despojado que a enlouquecia.

– Com certeza seria menos divertida...

Horas depois, as lembranças estavam embaralhadas. Sabia que tinha ganhado muito dinheiro. Mas isso não era nenhuma novidade, certo? Recordava-se também de ter dançado diversas músicas eletrônicas e ter roçado em seu amigo como uma cobra, atiçando os homens ao redor. Chegara a subir na cabine do DJ. Sim! Ela conseguia se *ver* fazendo isso. Achava até que tinha sido na mesma hora em que vira Darren finalmente se atracar com o loiro que tanto cobiçava. Só não entendia por que fora parar em um local claustrofóbico e escuro, sentada no que parecia uma pia e sendo quase esmagada contra o espelho por um rapaz que lambia sua orelha incessantemente.

– Ei... – tentou resmungar. – Pare com isso...

O homem a ignorou, pressionando mais, e continuou a mordiscar seu pescoço alvo, começando a deslizar com agressividade a mão para perto de suas partes íntimas, descontrolado. A pressão de seu corpo era tão forte que lhe dificultava a respiração, e Emily sentiu uma dor aguda no pulso esquerdo, preso entre os dedos da mão dele; a outra lutava contra sua calcinha. Estava sendo violentada.

Sentia como se sua sorte estivesse gravemente ameaçada.

– Ei... – continuou a falar num intervalo dos beijos molhados e nojentos com excesso de língua, quando ele finalmente arrancou sua calcinha e tentou algo a mais. – Eu disse para PARAR!

O corpo do rapaz foi jogado de maneira súbita para a outra extremidade do cubículo. O baque foi tão forte que causou um estrondo parecido com o de um canhão, e ela ouviu um som abafado de estalo.

Emily não sabia se se sentia assustada por estar bêbada demais em uma situação claramente perigosa ou porque seu quase estuprador parecia ter voado até a outra parede apenas pela força de sua voz.

Tenho que parar de beber, pensou, enquanto tirava o sapato de salto dezoito e descia da superfície escorregadia, desembolando o vestido arruinado. Estava dentro de um banheiro qualquer. Queria se matar por estar naquele estado ao lado de mais um perdedor. *Quando vou começar a me comportar?*

O rapaz nem se movia. Cheirava a vodca pura. Quando ela finalmente conseguiu abrir a porta, a luz entrou, quase cegando-a, e ela o reconheceu como o cara que tinha visto no começo da festa, na pista de dança. Só que o olhar dele não era mais sedutor nem convidativo. Ele parecia amedrontado, com as pupilas dilatadas e a boca escancarada. Continuava com as costas coladas à parede, como se estivesse sendo empurrado. A cena seria assustadora até para alguém sóbrio.

– O que foi? – perguntou Emily com dificuldade. – Agora você está com medo, seu tarado? Quem manda não saber se comportar?

Um soluço escapou dos lábios dela. A mente rodopiou e ela quase sentiu necessidade de voltar para a pia. Precisava encontrar Darren e dar o fora da festa.

Que belo dia de St. Patrick, pensou.

O rapaz caído continuava encarando-a, abismado. Não se movia.

– Que se dane! – resmungou Emily, fechando a porta e deixando-o no escuro.

Ele deve estar muito drogado.

Ao sair do banheiro, viu que a festa continuava com apenas um quarto dos participantes originais. O ritmo da música não era o mesmo de algumas horas antes. Sentia que o DJ tentava expulsar a galera; a luz do amanhecer brotava pelas janelas de vidros retangulares do casarão de luxo.

– Estou querendo te MATAR! – reclamou Darren, rebolando até ela com o dedo apontado. – Estou há quarenta e cinco MI-NU-TOS te procurando!

De onde estava, Emily pôde ver o loiro sem camisa jogado nas cadeiras perto do palco. Resolveu ser discreta quanto ao que acabara de acontecer. Não queria piorar o ânimo do amigo por causa de um maluco drogado que passara um pouco dos limites.

– Seu colega gostosão ficou apagado esse tempo todo? – perguntou ela.

– Uma hora combustível de isqueiro acaba, né, querida?

Eles riram. Era assim quando duas pessoas se tratavam como irmãos. Contudo, para Darren estava se tornando uma tarefa cada vez mais difícil acompanhá-la pelas baladas. Emily simplesmente aparecia e sumia dos lugares com uma rapidez de outro mundo.

– Posso saber onde a senhorita estava?

– Adivinha? – A ruiva se sentou desengonçada e com os pés imundos ao lado do homem apagado.

– Se esfregando com o barbicha em algum lugar! Só pode!

Ela riu. *Barbicha* era ótimo.

– Não sei por que pergunto – resmungou Darren. – É sempre a mesma coisa. Precisa segurar esse furacão que existe dentro de você, menina!

A gargalhada da garota distraiu um grupo que ainda dançava ao som de trance.

– Falou o rapaz que deixou *esse daqui* nesse estado – comentou ela. Marcas de mordida e arranhões vulgares se destacavam no peitoral do loiro.

– Só posso ter nascido com ascendência vampírica, meu amor – brincou Darren. – Eu gosto de cavalo puro sangue! Já a sua loucura não tem explicação.

Explicação.

Lembrou-se da expressão assustada do rapaz no banheiro e de como havia ganhado rios de dinheiro naquela noite.

– Deve ser coisa de St. Patrick – brincou.

Só podia.